



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ARLINE NÓBREGA MARQUES

A CRIANÇA E O BRINCAR:
UM OLHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB

CAMPINA GRANDE-PB

NOVEMBRO DE 2011

ARLINE NÓBREGA MARQUES

**A CRIANÇA E O BRINCAR:
UM OLHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador (a) Ms^a: Maria de Lourdes Cirne Diniz

CAMPINA GRANDE-PB

NOVEMBRO DE 2011

M357c

Marques, Arline Nóbrega.

A criança e o brincar [manuscrito]: um olhar teórico-
metodológico no cotidiano de uma creche municipal de
Campina Grande/Pb. / Arline Nóbrega Marques. – 2011.

33f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Maria de Lourdes Cirne Diniz,
Departamento de Educação”.

1. Educação infantil. 2. Prática pedagógica. 3.
Brincadeira. I. Título.

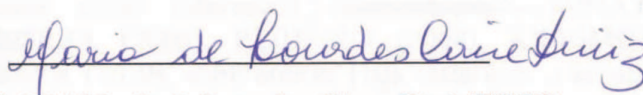
21. CDD 372

ARLINE NÓBREGA MARQUES

**A CRIANÇA E O BRINCAR:
UM OLHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE
MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 24/11/2011.



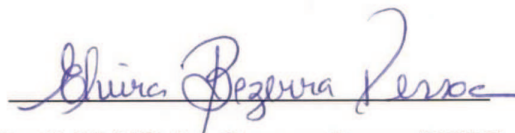
Prof^a. Ms^a Maria de Lourdes Cirne Diniz/UEPB

Orientadora



Prof^a. Ms^a Glória Maria Leitão de Souza Melo/UEPB

Examinadora



Prof^a. Ms^a Elvira Bezerra Pessoa/UEPB

Examinadora

RESUMO

Para a criança nada mais é prazeroso, importante e sério do que a ação do brincar. As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país e de um povo. A relevância desse trabalho encontra-se na importância que tem o brincar para o desenvolvimento da criança, pois é através das brincadeiras que ela encontra uma linguagem própria, a qual é possível o acesso à cultura e ao social. O presente estudo tem por objetivo analisar o brincar numa perspectiva teórico-metodológica a partir de observações do cotidiano de uma Creche Municipal da cidade de Campina Grande/PB. Neste trabalho são apresentados como estão sendo desenvolvidas as atividades sobre o brincar junto às crianças, bem como, refletir as ações educativas e as práticas pedagógicas tendo como foco as brincadeiras e brinquedos utilizados nesses momentos lúdicos. Metodologicamente nossa pesquisa caracterizou-se como pesquisado tipo ação, que nos permitiu a sondagem e a verificação dos resultados, registrados por meio da observação participante nos espaços da creche mais especificamente nas salas do Maternal I e II e no momento da recreação no pátio. Para compreender nosso objeto de estudo utilizamos como referencial, autores como: MINAYO (1999), RCNEI/BRASIL (2000), BORBA (2006), PINHEIRO (2008), KISHIMOTO (2010), BROUGÈRE (2010), CERISARA (2010), dentre outros. Considerando o brincar uma linguagem para a criança e proporciona vivenciar novas experiências, na qual ela interage, inventa, descobre, manda, obedece, experimenta e ainda desenvolve a criatividade, a auto-estima, a curiosidade, atenção, a concentração e outros benefícios. Esperamos contribuir para os estudos acerca da importância dos brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil, para um melhor desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-Chave: Criança, Brincadeira, Prática Pedagógica, Educação Infantil.

ABSTRACT

For the child is nothing more enjoyable, important and serious than the action of the play. The games are universal, are in the history of mankind throughout the ages, part of the culture of a country and a people. The relevance of this work lies in the importance of play to child development because it is through play that it is their own language, which you can access to culture and society. The present study aims to analyze the play in a theoretical-methodological perspective from observations of everyday life for a Municipal Nursery of

Campina Grande / PB. This paper presents how the activities are being carried on playing with the children, as well as reflect the educational and pedagogical practices focusing on the games and toys used in these leisure moments. Methodologically our research was characterized as researched type action, which allowed us to survey and verification of results, collected through participant observation in the nursery areas more specifically in the halls of Maternal I and II and at the time of recreation in the courtyard. To understand our object of study authors use as a reference as MINAYO (1999), RCNEI / BRAZIL (2000), Borba (2006), Pinheiro (2008), Kishimoto (2010), by Brougère (2010), Cerise (2010), among other. Whereas playing a language for the child and provides new experiences, in which it interacts, invents, discovers, command, obey, and still experience develops creativity, self-esteem, curiosity, attention, concentration and other benefits. We hope to contribute to studies about the importance of toys and games in the kindergarten, for a better overall development of children.

Keywords: Children, Play, Practice Teaching, Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

Para a criança nada mais é prazeroso, importante e sério do que a brincadeira. Brincar é a primeira forma e base de cultura de um povo. Desde os primórdios das civilizações até os dias atuais, a literatura mostra e comprova a importância do brincar, mesmo que as brincadeiras ou jogos daquela época não tenham sido praticados ou considerados no seu íntimo como divertimento, e sim, como características de uma cultura, na qual representava a sobrevivência. As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país e de um povo. Viajando pela história do brinquedo, podemos conhecer os seus usos, costumes, modas e valores de determinado lugar e tempo, inclusive a cada nova geração de crianças, as brincadeiras são reinventadas, formando o patrimônio lúdico-cultural, traduzindo assim, em costumes e ensinamentos.

A relevância desse trabalho encontra-se na importância que tem o brincar para o desenvolvimento da criança, pois é através deste que ela encontra uma linguagem própria, a qual é possível o acesso à cultura e ao social. Sendo assim, o brincar é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança.

Com o objetivo de compreender o brincar num olhar teórico e metodológico e suas diversas características no cotidiano de uma Creche Municipal da cidade de Campina Grande/PB, com base nas vivências no campo de estágio na Docência, o presente trabalho traz resultados de como estão sendo desenvolvidas as atividades sobre o brincar junto às crianças, bem como, a reflexão através das ações educativas tendo como foco as brincadeiras e brinquedos utilizados nesse momento.

Apresentaremos as características da instituição, quanto ao espaço físico, histórico, recursos humanos e uma reflexão sobre a proposta pedagógica quanto ao brincar. Abordaremos também, uma breve discussão sobre brinquedos e brincadeiras e os demais temas relacionados a Educação Infantil que nortearam o nosso trabalho.

Metodologicamente o nosso trabalho pautou-se de início na pesquisa ação, que nos permitiu a sondagem, a intervenção e a verificação dos resultados, registrados por meio da observação participante nos espaços da creche. Tais etapas envolveram uma conversa prévia sobre o tema focado, seguindo a sua descrição apoiados nos estudos teóricos dos autores pesquisados.

Trata-se também, de uma pesquisa qualitativa, onde vivenciamos o dia-a-dia em sala de aula, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula (BORTONI-RICARDO 2008, p. 42). Os dados coletados e analisados revelaram os tipos de brinquedos/brincadeiras, bem como a maneira como brincam quem brincam e com o que brincam, ainda que tenha se verificado, com menor incidência, que tais atitudes estejam em processo de construção.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados, conversa informal, observação direta, os quais foram realizados através de diário de campo com anotações discretas como a fala, o comportamento e a relação das crianças e professores quanto à compreensão dos conceitos de brinquedos e brincadeiras. O tema em pauta teve como suporte teórico autores como, MINAYO (1999), RCNEI/BRASIL (2000), BORBA (2006), PINHEIRO (2008), KISHIMOTO (2010), BROUGÈRE (2010), CERISARA (2010), entre outros.

Portanto, o brincar serve como linguagem para a criança, de forma simbólica que substitui as palavras. Esta linguagem do brincar proporciona a ela vivenciar novas experiências, na qual a criança interage, inventa, descobre, manda, obedece, experimenta e

ainda desenvolve a criatividade, a auto-estima, a curiosidade, atenção, a concentração e outros benefícios. O brincar é essencial às crianças, além de construir auxílio na boa forma infantil e nas esferas: emocional, intelectual, social, volitiva e física.

Esperamos contribuir para os estudos acerca da importância dos brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil, para um melhor desenvolvimento integral das crianças.

1- REFERENCIAL TEÓRICO

1.1- Um breve histórico acerca da origem da creche no Brasil

É comum a maioria das pessoas ao falar em infância, ter uma idéia de que a mesma acontece naturalmente. Mas, sabemos que a infância não é apenas admitida como algo biológico, ela é tida como um elemento de construção e reconstrução social. Com esse pensamento, de que a infância é algo socialmente construída, descreveremos um breve histórico acerca do conceito de infância e a origem da creche no Brasil, desde os tempos coloniais até os dias atuais.

No Brasil pré-colonial, a educação dos indígenas acontecia no cotidiano, não havia instituição escolar, logo:

A educação indígena era eminentemente empírica, consistindo, antes de tudo em transmitir através das gerações uma tradição codificada. A escola era o lar e o mato; muito mais importantes as lições do exemplo, que as palavras (TOBIAS 1986 *apud*, ZOTTI 2004).

Entretanto, essa realidade foi modificada com a chegada dos portugueses ao Brasil que, introduziram de forma repressora os valores da religião cristã, sendo a catequese e a educação institucionalizada comandada pelos jesuítas. A educação escolarizada era restrita aos filhos homens da elite, esses eram educados aos moldes do *Ratio studiorum*, um modelo europeu de educação.

Durante décadas o Brasil enfrentou uma problemática quanto à assistência as crianças filhas e filhos de ex-escravas. O que se fazia dessas crianças já que as mães teriam que sair para trabalhar?

A expansão e preocupação em atender institucionalmente as crianças de zero a seis anos atribuem-se aos fatores ocorridos nas últimas décadas do século XIX, trazendo constantes mudanças na urbanização, no mercado de trabalho feminino e, nas variadas formas de estruturas familiares. Surge a necessidade de se criar um estabelecimento de caráter assistencialista que viesse a atender esse tipo de criança de determinada classe social e em segundo momento liberar a mão de obra feminina. O Código de Menores de 1927, institui a chamada infância da maioridade. No ano de 1930, a criança torna-se um campo de intervenção social.

Nos anos de 1990, surge a ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), movimento que busca reordenar o atendimento a criança, reconhecendo que a mesma é um sujeito de direitos. Para crianças de zero a seis anos, o ECA toma como medida, sobretudo, a saúde, a assistência e a educação. As creches então vão, ao decorrer de sua história, deixando de ser um local apenas assistencialista, passando a ser um espaço de educar.

A conjunção desses fatores ensejou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento às crianças de zero a seis anos fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento (BRASIL 1998).

No Brasil, nas últimas décadas houve uma maior atenção e mudanças nas políticas educacionais para as crianças de 0 a 6 anos. Essas mudanças vêem as crianças como sujeitos possuidores de direitos, o Estado por sua vez, junto com as famílias tem a responsabilidade de responder pela educação das crianças de 0 a 6 anos. “O novo ordenamento constitucional e legal brasileiro está marcado por uma inovadora concepção de atenção à infância. Atribui à criança a condição de cidadã, cujo direito à proteção integral deve ser assegurado pela família, pela sociedade e pelo poder público, com absoluta prioridade” (BRASIL, 1999, S/P). De acordo com a LDB (1996), reproduzem o inciso da Constituição Federal no Título III Art. 4:

- Art. 21: “A educação escolar compõe-se de: 1: Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio”;

- Art. 29: [...] “A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança” [...];
- Art. 30: A Educação Infantil será oferecida em I: creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II: pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos.
- Art. 31: Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para acesso ao ensino fundamental

Dessa forma, como se constitui o atendimento a essas crianças dentro das instituições organizadas, especificamente nas creches que é o nosso local e pesquisa? No nosso país, o atendimento institucional e sistematizado as crianças de Educação Infantil, ao longo dos anos perpassaram várias visões sociais. Porém, é fato que, grande parte dessas instituições tinha o objetivo de atender “exclusivamente às crianças de baixa renda” (BRASIL 2001, p. 17). Ao usar como “desculpa” o atendimento ao público pobre, o governo por muito tempo não investiu nas creches, deixando o atendimento dessas muito a desejar, faltavam recursos materiais, espaço físico adequado, profissionais qualificados, e etc.

Constituir-se em um equipamento só para pobres, principalmente no caso das instituições de Educação Infantil, financiadas ou mantidas pelo poder público, significou em muitas situações atuar de forma compensatória para sanar as supostas faltas e carências das crianças e de suas famílias. A tônica do trabalho institucional foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda. Nessa perspectiva, o atendimento era entendido como um favor oferecido para poucos, selecionados por critérios excludentes. A concepção educacional era marcada por características assistencialistas, sem considerar as questões de cidadania ligadas aos ideais de liberdade e igualdade (BRASIL 2001, p. 17).

Esse caráter assistencialista, foi modificado, a medida que atribuía a Educação Infantil singularidades além do aspecto legal, foi preciso rever questões sociais, políticas, educacionais, entre outras questões relevantes. Há uma grande falta de conhecimento por falta dos profissionais do que realmente é trabalhar com as crianças da Educação Infantil, desenvolvendo os seus “aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível” (BRASIL 2001, p. 17 e 18). É preciso

que o professor ao trabalhar com a Educação Infantil esteja preparado para assumir essa responsabilidade. A LDB (1998), como já citado acima, defende que é direito da criança o desenvolvimento integral da mesma, assim como a construção coletiva de seus saberes e experiências desde a Educação Infantil. Para tanto, esta deve ser oferecida em instituições credenciadas para esta finalidade, ficando no tocante as creches destinadas as crianças de 0 a 3 anos e Pré-escolas para crianças de 4 a 6 anos.

As Creches e Jardins da Infância geraram muita polêmica, muitos faziam críticas, pois os identificavam como locais para apenas guardar as crianças, outros, porém, os defendia acreditando esses locais trariam desenvolvimento para as crianças. Os políticos argumentavam que, se as Creches e Jardim da Infância eram destinados aos fins de caridade aos mais pobres, os mesmos não deveriam ser mantidos pelo capital público.

No Brasil, nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo, nos anos de 1975 e 1977, os primeiros Jardins de Infância foram criados sob a responsabilidade de órgãos privados, mas logo surgiram outros, só que dessa vez sob a custódia do Estado. Com o advento da participação da mulher no mundo do trabalho, a fim de que pudessem trabalhar para ajudar na renda da família, urge a necessidade de deixar as suas crianças em Creches. No ano de 1930, o Estado passa a dar uma maior assistência às crianças nas Creches, no que diz respeito à alimentação e higiene das mesmas, ficando no tocante a responsabilidade apenas de educar, de um modo assistencialista, sem se considerar a dimensão do educar.

No período da Ditadura Militar, a concepção de Creche como uma entidade assistencialista continuou permeando a Educação Infantil, além do mais, pessoas totalmente despreparadas eram postas a frente dessas instituições, ficando a perspectiva de cuidar e educar de forma integrada, negligenciada. Com o fim do Regime Militar, novas políticas surgem e as Creches são incluídas no Plano Nacional de Desenvolvimento, em 1986. As discussões são voltadas para uma prática pedagógica enfatizando o desenvolvimento cognitivo das crianças e, é em 1988 que as Creches e Pré-escolas conquistam e garantem na Constituição Federal de 1988, o reconhecimento da Educação Infantil como um direito da criança e um dever do Estado. Esse avanço deve-se:

A ação político-organizativa dos movimentos organizados da sociedade, através de expressivos debates em contraposição a prática ineficiente da

educação e do cuidado da infância e em defesa da escola pública de qualidade para todas as crianças (PINHEIRO 2008, p. 16).

Porém, mesmo destinando espaços organizacionais para as crianças, a grande maioria dos profissionais não sabe o verdadeiro sentido de cuidar e, ao mesmo tempo, educar. Isso se justifica historicamente pelo fato de que, como citado anteriormente, as creches aprimoraram os cuidados com a higiene e alimentação e negligenciaram o preparo intelectual das crianças, para que estas pudessem assumir posteriormente, as salas de Ensino Fundamental.

1.2- O brincar à luz dos teóricos: Wallon, Piaget e Vygotsky

Ao resgatarmos o processo histórico das creches, vimos que as instituições infantis nesse período tinham uma visão puramente assistencialista, e a ausência de uma política educativa que contempla o ato de brincar numa dimensão social da atividade humana no desenvolvimento da criança pequena.

Pois, as propostas pedagógicas visavam suprir os déficits da linguagem oral, cognitiva, afetiva e alimentar. E as atividades se apoiavam no lúdico e brincadeiras ensinando as crianças os conteúdos programáticos e não no brincar por prazer.

Assim, ao abordar sobre o brincar no cotidiano da creche é preciso focalizar o que representa essas vivências lúdicas, ou seja, a teoria do brincar à luz dos teóricos. Nesses termos, no fim do séc. XIX, Henri Wallon (1879 - 1962), Jean Piaget (1896 - 1980) e Lev Vygotsky (1896 - 1934) buscavam compreender como as crianças se relacionavam com o mundo e como produziam cultura a partir da ação do brincar.

A partir daí, foram intensificando pesquisas, estudos sobre o significado do brincar e sua importância nas instituições infantis para o processo de desenvolvimento das capacidades de criança: a imaginação, criatividade, oralidade e a imitação.

Para Wallon (apud Oliveira 2002, p131) ao imitar a criança mostra ter interiorizado o modelo construído com base nele uma imagem mental {...} observa-se portanto, nas brincadeiras de faz de conta. Isso significa dizer que as propostas pedagógicas da escola deve introduzir na sua rotina, brincadeiras e jogos, proporcionando assim as crianças um universo de representações e interpretações da realidade.

Quanto a Piaget, (1971 apud Kishimoto 2005, p59) quando brinca “a criança assimila o mundo a sua maneira sem compromisso com a realidade, pois, na sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto mas da função que a criança lhe atribui, ou seja, o

jogo simbólico ex, brincar de médico dentista, de casinha, mamãe, fazendo assim experiências e construindo conhecimento.

Enquanto Vygotsky (1984 apud Borba 2006, p35), considera que “o brincar é uma atividade criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças(...)”.

Nesse conjunto de reflexões, voltada para a brincadeira, aprofundamos o nosso tema norteando nossa experiência de campo.

A seguir, veremos a importância de tanto cuidar, quanto educar as crianças na Educação Infantil, dentro de uma instituição organizada.

1.3- Educação Infantil e suas funções: cuidar e educar

Compreendemos aqui, a infância como uma perspectiva social e historicamente construída. Nos últimos anos, o debate acerca da infância tem crescido gradativamente, os estudos apontam para a necessidade de incluir na área educacional, temática abordando a educação na infância a partir de uma concepção que, a criança é um ser integral. Como citado anteriormente, a criança é um sujeito histórico e social, inserido em dada sociedade, dentro de um momento histórico e cultura específica.

[...] É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio RCNEI (BRASIL 2001, p. 21).

Desde cedo seu contato com as pessoas e o mundo a sua volta se dá pela compreensão do meio em que vive e das relações paradoxos existentes, a qual através da brincadeira revela sua condição de vida, desejos e anseios.

Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento

têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil RCNEI (BRASIL 2001, p. 18).

A dimensão do cuidar e educar são um grande desafio apresentado aos professores da Educação Infantil no século XXI. Isso porque essa discussão está permeada pela concepção de desenvolvimento da criança, a qual integra a formação biológica, psicológica, social, histórica, cultural, concretizada nas interações e práticas sociais. Os professores têm buscado trabalhar com as práticas que enfatiza os cuidados físicos “compreendem a criança pequena como carente, frágil, dependente e passiva, e que levam a construção de procedimentos e rotinas rígidas, dependentes todo o tempo da ação direta do adulto” (BRASIL 2001, p. 18). Outra prática são as necessidades emocionais, “a preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos” (BRASIL 2001, p. 18). Há o desenvolvimento cognitivo, “ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, da capacidade de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdos específicos” (BRASIL 2001, p. 18). Dessa forma:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da Psicologia, Antropologia, Sociologia, Medicina etc., possam ser de grande valia para desvelar o grande universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (BRASIL 2001, p. 22).

Nesse sentido, a dimensão do cuidar e educar aponta para uma perspectiva de prática pedagógica que incorporem de maneira integrada essas duas funções, estando essas associadas a padrões de qualidade, considerando as crianças em seu contexto e práticas ambientais, sociais, culturais, de maneira que a mesma tenha contato com os mais diversos elementos e linguagens, a fim de, tornarem-se futuros sujeitos autônomos e críticos. “A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a freqüentam, indiscriminadamente, elementos de cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social” (BRASIL 2001, p. 23), dessa forma a instituição está cumprindo o seu papel social desenvolvendo a identidade das crianças. Podem-se oferecer as crianças aprendizagens

advindas de brincadeiras pedagogicamente intencionais, mediada por um adulto. Nessa linha de pensamento, educar seria:

[...] Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL 2001,p. 23).

Nesse contexto a educação auxilia o desenvolvimento das capacidades e apropriação dos conhecimentos corporais, afetivos, motores, cognitivos e etc., em função de uma formação de qualidade para as crianças da educação infantil. Por outro lado, não há conteúdo educativo desvinculado do gesto de cuidar, “cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas” (BRASIL 2001, p. 24). De acordo com o RCNEI:

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados (BRASIL 2001, p. 24).

Como podemos observar, o cuidado é algo que vai além das necessidades básicas de alimentação e higiene. As crianças têm outras necessidades importantes, como serem ouvidas, respeitadas, “para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades” (BRASIL 2001, p. 25).

Portanto, diante da discussão, compreendemos que educar e cuidar são elementos indissociáveis para o desenvolvimento da criança, o professor precisa propiciar um ambiente de sala de aula socializado e acolhedor, integrando as dimensões do cuidar e educar. A seguir descreveremos a importância do brinquedo e das brincadeiras para a aprendizagem das crianças de Educação Infantil.

2- A CRIANÇA, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA

2.1- O brincar e suas diversas concepções

Na Educação Infantil, as brincadeiras e brinquedos devem fazer parte do cotidiano escolar, bem como em toda prática pedagógica. Como educadores/as, é importante reconhecer o que significa o brinquedo e a brincadeira no contexto da criança, e, como a mesma oportuna a liberação de emoções ou tensões reprimidas através dos jogos e brincadeiras no recreio.

A criança também aprende brincando, aguçada pela descoberta, ampliando seus conhecimentos dos fenômenos e seres que a cercam, expressado nos vários grupos sociais e regionais como legado cultural de um povo e época.

Assim, constituem de suma importância os brinquedos e brincadeiras na interação entre as crianças para desenvolver a humanização, afetividade, solidariedade, cooperação, adaptação social, ao mesmo tempo em que cresce o fator físico, motor, cognitivo emocional, além de estimular a agilidade, memória, observação, criatividade e a essência individual e coletiva.

Na infância, o brincar é um divertimento que pode ser transformado em ensino de forma prazerosa e momentos agradáveis, além de alcançar os níveis de desenvolvimento humano, através de um ensino eficaz. Vejamos a seguir como alguns teóricos vêem a concepção do brincar em cada área específica.

Na **Antropologia**, os teóricos da área vêem o brincar como um espaço de criação cultural, o qual o lúdico permite ao indivíduo criar uma relação de positivismo com a cultura. É preciso considerar a dimensão social que o jogo representa para o sujeito, “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessitam de aprendizagem” (BROUGÈRE 2010, p. 20). Cada cultura com suas funções estabelecidas e esferas limitadas traz consigo o conceito e designação do que é o jogo, no olhar e vivência de cada uma, mas em todas elas o jogo existe e é visto como uma interpretação das atividades humanas. Dessa forma:

O jogo se num sistema de significações que nos leva, p. ex., a interpretar como brincar, em função da imagem que temos dessa atividade, o comportamento do bebê, retomando este o termo e integrando-o progressivamente ao seu incipiente sistema de representação (BROUGÈRE 2010, p. 21).

Nesse caso, a expressão do indivíduo no jogo caracteriza-se pela cultura que lhe dá sentido e para que uma atividade torne-se um jogo é preciso que os sujeitos nela envolvidos a interpretem como uma atividade lúdica. Assim, quando se brinca, aprende a cultura particular do jogo, o mundo simbólico do mesmo.

Na **Filosofia**, a educação é garantida por meio da unidade entre o indivíduo, a natureza e Deus, desde a infância. Pioneiro dessa concepção, Frederico Augusto Guilherme **Froebel** (1782), “acreditou na criança, enalteceu sua perfeição, valorizou sua liberdade e desejou a expressão da natureza infantil por meio de brincadeiras livres e espontâneas” (KISHIMOTO 2010, p.57). Entende-se que:

É destino da criança “viver de acordo com sua natureza, tratada corretamente, e deixada livre, para que use todo o seu poder. [...] A criança precisa aprender cedo como encontrar por si mesma o centro de todos os seus poderes e membros, para agarrar e pegar com suas próprias mãos, andar com seus próprios pés, encontrar e observar com seus próprios olhos” (FROEBEL, 1912c, p.21 *apud*, KISHIMOTO 2010, p. 59).

Froebel foi o primeiro a criar o jardim da infância como um espaço de jogos e brincadeiras. Esses jogos infantis são inseridos no sistema filosófico da educação, o jogo resulta de benefícios intelectuais, morais e físicos, elementos estes fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, “brincar é a fase mais importante da infância _ do desenvolvimento humano neste período _ por ser a auto-ativa representação do interno” (FROEBEL, 1912c, p.21 *apud*, KISHIMOTO 2010, p. 59).

Na **Psicologia**, os teóricos defendem que, as características e os elementos importantes das brincadeiras são: o imaginário, a imitação e as regras. A criança ao brincar cria uma situação imaginária, assumindo um papel e imitando no comportamento do adulto, tal como ele é. Nesse sentido:

A imitação assume um papel fundamental no desenvolvimento da criança em geral, e na brincadeira em especial, na medida em que indica que primeiro a criança faz aquilo que ela viu o outro fazendo, mesmo sem ter clareza do significado desta ação, para então, à medida que deixa de repetir

por imitação, passar a realizar a atividade conscientemente, criando novas possibilidades e combinações (CERISARA 2010, p.130).

Compreender o jogo e a brincadeira dentro de uma concepção sócio-histórica é considerar a atividade social humana, na qual a criança reinventa a realidade através do simbolismo próprio, “ela é, portanto, além de uma atividade psicológica, uma atividade cultural” (CERISARA 2010, p. 130).

Assim, jogos, brinquedos e brincadeiras são palavras que estão interligadas. A brincadeira nada mais é do que o brinquedo em ação, ao qual a criança pratica espontaneamente. A brincadeira é uma forma prazerosa da criança se movimentar, de ser independente, a criança brincando desenvolve sentido adquirindo habilidades para usar o corpo, reconhecer objetos, formas, tamanhos, cores, sons. É brincando que a criança entra em contato com o mundo exterior, relaciona-se com o outro, desenvolve a auto-estima e a afetividade, os brinquedos e as brincadeiras facilitam esse contato.

Segundo Crepaldi (2006, p. 175), “o jogo e a brincadeira aparecem de maneira privilegiada na infância, como comportamento social da criança, e até como contraposição à palavra trabalho”. Isso faz com que os adultos se apropriem das brincadeiras para transmitir comportamentos sociais, regras e costumes para as crianças, que por sua vez, como citado em outro momento, imitam essas brincadeiras e aprende a distinguir real do imaginário, desenvolvendo assim capacidades e habilidades em geral.

A existência do brincar perpassa diferentes tempos, época e contexto e, o seu significado está intimamente associado à infância. Ao observar as crianças brincando, pode-se apreender o mundo destas, uma vez que, elas revelam nas suas ações/brincadeiras o seu mundo e experiências. Com base nas experiências, as crianças elaboram e interpretam situações de vida cotidiana recriando contextos de outras realidades, o brincar envolve os processos já vividos com os que estão vivendo, ou seja, o novo. Assim:

A criança se comporta, além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade. Isso porque a brincadeira na sua visão, cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo que as ações da criança ultrapassem o desenvolvimento já alcançado (desenvolvimento real), impulsionando-a a conquistar novas possibilidades de compreensão e de ação sobre o mundo (VYGOTSKY 1987, p. 117 *apud*, BORBA 2006, p. 36).

A brincadeira proporciona um aprendizado de uma forma específica, além do mais, proporciona também a apropriação de conhecimentos, habilidades, valores. Independentemente que a criança brinque pouco ou muito, quando bem desenvolvido, o brincar auxilia no crescimento cognitivo da mesma, enquanto brinca não está apenas realizando ações que lhe dá prazer, mas através da brincadeira a criança encontra meios para resolver situações interiores e apreender tudo o que acontece a sua volta, “o brincar é uma atividade humana significativa, por meio da qual os sujeitos se compreendem como sujeitos culturais e humanos, membros de um grupo social” [...] (BORBA 2006, p. 42).

Seja como for, o brincar é uma ação necessária à vida da criança, tanto quanto alimentar-se ou descansar, sendo de fundamental importância incluir o brincar nas atividades do cotidiano escolar das crianças, a qual não pode faltar no planejamento das instituições escolares infantis, mesmo que, a atividade não seja a própria brincadeira, ela deve permear o universo de tudo o que for realizado com as crianças.

A seguir, descreveremos a vivência no Campo de Estágio da Creche pesquisada.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES: VIVÊNCIA DO CAMPO

3.1- Metodologia: caracterização

A creche pesquisada foi fundada em 1980, com o nome de Zeferina Gaudêncio, em homenagem a Educadora que prestou relevantes serviços na área educacional. A creche atende as modalidades: Maternal I e II em tempo integral, e ao Pré-Escolar I e II à tarde. Possui prédio próprio, com localização privilegiada as proximidades do posto de saúde, feira livre, posto policial, supermercados e shopping do Bairro Catolé, em Campina Grande.

No processo administrativo, a tomada de decisão se dá através da diretora. Esta possui o pedagógico e, atualmente cursa Pedagogia na UEPB, denomina-se diretora interventora e assumiu este cargo por indicação. Segundo Libâneo (2001, p. 79), “a direção é um princípio

de atributo da gestão, mediante a qual é canalizado o trabalho conjunto das pessoas, orientando-se e integrando-as no rumo dos objetivos”.

Também fazem parte da equipe pedagógica, duas Supervisoras, uma Orientadora Educacional, uma Psicóloga e uma Assistente Social, “cuja função é cuidar do atendimento e do acompanhamento escolar dos alunos e também o relacionamento escola-pai-comunidade” (LIBÂNEO 2001, p.104). Além de 14 professoras “que tem como função básica o ensino” [...]. “Além de desempenharem este papel específico, os professores também tem a responsabilidade de participar na elaboração do plano escolar ou PPP” [...] (LIBÂNEO, p. 105). A forma de escolha dos professores é feita através da Secretaria de Educação do Município, estas possuem Ensino Superior estando aptas a lecionarem, segundo o artigo 62, da LDB:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil [...] (BRASIL 2001p. 39).

A proposta pedagógica do PPP tem como referência a globalização, que sofre influência da sociedade com conseqüências político-sociais, econômica, religiosa e cultural. O princípio de planejamento remete às escolas a busca de resultados, através de uma ação denominada de Projeto Político-Pedagógico ou Projeto Educativo.

O plano global da instituição que pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar (VASCONCELLOS 2002, p.169).

Os professores se norteiam a partir do tema e buscam atividades que se adéquem a cada turma. O planejamento, “acontece contínua e sistemática por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno” (PCN Introdução, p.86). Os professores trabalham com fichas de registros “um excelente material no processo de reflexão sobre a prática, a fim de se ter elementos mais objetivados e se poder captar as necessidades de cada um e do conjunto de alunos, e planejar a intervenção” (VASCONCELLOS, p.106). O

processo avaliativo se dá através das fichas e do caderno de registro de cada professora e a cada bimestre a coordenadora organiza a caderneta geral.

A creche participa de todos os programas oferecidos pela Rede Municipal de Ensino, as Semanas de Pedagogia, Seminários de Educação Infantil, PROFA. Além de programas como o das Letras, Paradas Pedagógicas com equipe técnica dos núcleos e Parada para Estudo. A formação continuada é um grande aliado para o bem estar da instituição, “hora e lugar especialmente destinado à formação devem possibilitar o encontro entre os professores pra a troca de idéias sobre a prática, para supervisão de estudos sobre os mais diversos temas” [...] (Brasil p.68).

Observamos que a proposta pedagógica da Creche através de sua equipe técnica pedagógica vem buscando em seu cotidiano um planejamento articulado aos programas acima supracitados, mas de que ainda precisa um repensar sobre o brincar na creche. Dessa forma, o educador torna-se parceiro na brincadeira, isso é fundamental. Fazer o planejamento das brincadeiras e jogos considerando a realidade das crianças contribui para o sucesso das atividades lúdicas “Planejar é inerente ao trabalho do educador, ensinar as crianças a planejar suas atividades também” (CREPALDI 2006, p. 181).

Nossa pesquisa insere-se numa abordagem qualitativa, onde vivenciamos o dia-a-dia do brincar no cotidiano da instituição. Com base em Minayo (1994), essa pesquisa constrói e aperfeiçoa as concepções teóricas explicando as dinâmicas da organização social e cognitiva da vida dos sujeitos inseridos na instituição. Ou seja, ela trabalha o universo de significados, a visão e os valores relacionados ao que está sendo estudado em pauta.

A seguir discutiremos o espaço da brincadeira na creche pesquisada.

3.2- O espaço da brincadeira

Nossa pesquisa contempla os espaços da brincadeira no cotidiano da creche, um momento voltado para observação das salas de aula do Maternal I e II e outro momento na observação das crianças na coletividade do recreio.

Num primeiro momento, observamos as crianças da sala do Maternal II, assistiam a um vídeo, atividade proposta pela professora. Após algum tempo depois, as crianças se

dirigiram ao pátio coberto cada qual com um brinquedo retirado das baldes de brinquedos que havia na sala de aula, onde ficaram livres para brincar, outras crianças brincaram de cantigas de roda. Tivemos oportunidade de observar num outro pátio externo, outras crianças estavam brincando no parquinho que mesmo não estando em boas condições ainda garantem a brincadeira nos escorregos, na gangorra, e no balanço. Afirma o (BRASIL 2008 p. 69), “(...) permitam que as crianças corram, balancem, subam, desçam e escalem ambientes diferenciados, pendurem-se escorreguem relem, joguem bola brinquem com água e areia, escondam-se, etc”.

De modo geral, percebe-se que a instituição oferece espaço satisfatório para o brincar proporcionando condições para que as crianças tenham um bom desenvolvimento motor, social, cognitivo facilitando assim o seu aprendizado. Haja vista, enfatizarmos que os momentos da brincadeira e exploração desses espaços pelas crianças são momentos relevantes, pois, “brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente” (BRASIL 1998 p.23).

É nesse momento, que o professor deve focalizar seu olhar metodológico e pedagógico para acompanhar a criança no seu desenvolvimento, aprendizagem, socialização e interação. Conforme, Richter e Fronchowiak (2011 p.39), dizem que, “a dificuldade pedagógica está justamente em aceitar que brincar é aprender e que aprender é brincar”. Ou seja, o professor deve ter em vista que esses momentos desempenham um papel importante na vida da criança, no que diz respeito a afirmação de sua pessoa na construção da sua identidade e autonomia, e que os encontros das crianças nas suas brincadeiras favorecem o universo de uma aprendizagem investigativa e criativa. Pois, a partir dessas vivências e conjuntos de atividades lúdicas, elas internalizam e compreendem situações de sua realidade, recriando e repensando os acontecimentos quando estão brincando. Ainda com relação aos conhecimentos que o professor precisa ter sobre o brincar nos vários espaços da creche, Redin (1998, p. 50) enfatiza, “por ser Educação Infantil, um espaço e um tempo pedagógico, tem ela uma função educativa explícita, organizada, que exige ação de profissionais especificamente preparados”.

A outra sala de aula observada foi o Maternal I, vê-se que a sala é adequada ao número de alunos, que são 28 matriculados, essa possui uma estruturação apropriada para o processo educativo, “espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e imobiliários não

devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem como opção de educação assumida pela instituição” (BRASIL2001 p.68). Possui duas mesas e cadeiras adaptadas “é preciso que em todas as salas exista mobiliário adequado ao tamanho das crianças para que estas disponham permanentemente de materiais para seu uso espontâneo ou em atividades dirigidas” (BRASIL2001 p.71). Dispõe de uma TV e um DVD, com cadeiras em volta e alguns materiais pedagógicos, “os materiais constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que são um meio que auxiliam a ação das crianças”(BRASIL 2001 p.71). Também havia livros de histórias, brinquedos reciclados, um baú contendo brinquedos mais novos e um balde de brinquedos quebrados.O modo de arrumar a sala também desempenha um papel fundamental ao brincar, pois, segundo Fortuna (2001 p.9)“os brinquedos devem estar dispostos como se convidassem a brincar”.A autora ainda ressalta que, os brinquedos possuem fundamental importância ao ato do brincar, “contudo, não é para serem vistos ou para enfeitar a sala de aula que os brinquedos estão ali. Brinquedo bom é brinquedo brincado” (2011 p.9).

Nesse momento registramos que este espaço tem um significado grande para as crianças, pois através da ação do brincar elas construíam outros brinquedos, e criavam uma situação lúdica construindo novas idéias. É importante destacar que as participações das crianças eram ativas, e as professoras proporcionavam espaços para as crianças brincarem livremente, em certas situações elas fazia suas mediações junto às crianças instigando-as para as vivências das brincadeiras simbólicas, entre elas: cuidar das bonecas como mães e filhas, andar por debaixo da mesa como num túnel, “nesses momentos, lembrar-se sobre o que, com quem e com o que brincaram poderá ajudar as crianças a organizarem seu pensamento e emoções, criando condições para o enriquecimento do brincar” (BRASIL 1998 p.50). Assim, com relação ao faz-de-conta, caberá ao professor organizar tais pensamentos e a partir de conversas para então detectarem quais papéis são assumidos pelas crianças em suas brincadeiras.

3.3- O comportamento das crianças no recreio: Analisando a vivência

Pesquisas sobre o comportamento e vivências das crianças em seus momentos lúdicos revelam as diferentes linguagens voltadas para seu plano individual, suas formas de interação

e verbalização, tendo como ponto de partida as funções psicológicas das crianças durante o seu brincar, criando assim, a base para estrutura de sua personalidade (VIGOTSKY, *apud* Revista Educação, 2010).

Na turma do Maternal I podemos registrar que atende crianças a partir de 1 ano e 8 meses a 2 anos, já o Maternal II atende crianças na faixa etária de 3 anos a 4 anos. Na ocasião da hora do recreio, tivemos a oportunidade de vivenciar seus momentos de brincadeiras. Foi de grande valia este momento, pois, foi possível observar e analisar os diversos comportamentos das crianças que através da tabela abaixo podemos apontar as discussões e resultados dos dados analisados com base nas seguintes questões:

Observa	As crianças tentam observar o que os adultos fazem no sentido de querer imitá-las.
Manuseia	Observou que as crianças de 1 e 2 anos na maioria manuseavam algum brinquedo, seja, bola, bonecas, carrinhos, já os de 2 e 3 anos, além desses já citados também manuseavam, livrinhos, areia, pedrinhas, etc.
Brinca	Nesta questão foi observado que todas as crianças estavam brincando cada um à sua singularidade, seja com brinquedos ou não.
Interage com os colegas ou adultos	Houve um momento em que sentimos a necessidade de vincular os alunos então houve a interação com todos nesse momento foram introduzidas cantigas de roda;
Verbaliza	Ao observar essa questão notou-se que as crianças de 3 e 4 anos conversam mais entre si e com os adultos, contam histórias, cantam, já os menores preferem ficar brincando com algum brinquedo ou na areia.
Representa	As crianças de 3 anos fazem isso com frequência, pois, alguns se perdem em suas imaginações e representam várias coisas, como foi presenciado, um aluno do Maternal II imitando o artista 'Michael Jackson', outro exemplo foi uma aluna da mesma sala, representando uma cozinheira,

	manipulava as pedrinhas e a areia dizendo que eram “jujubas”.
Recusa	Ouve a recusa de alguns alunos de 3 e 4 anos no momento as cantigas de roda, mas logo voltaram atrás quando perceberam que as outras crianças estavam se divertindo.
Sorri	Nota-se que todas as crianças sorriam prazerosamente, pois aquele momento do brincar estava muito agradável.

É na faixa etária de 3 a 4 anos, que surge com mais propriedade a linguagem, ou seja, a comunicação das crianças entre si, reconstituindo as ações do passado, narrando e antecipando futuras ações por meio da oralidade. “No momento da aparição da linguagem, a criança se acha às voltas, não apenas com o universo físico como antes, mas com dois mundos novos e intimamente solidários: o mundo social e o das representações interiores” (PIAGET 1986, p. 24). contexto crianças tentavam observar o que os adultos faziam no sentido de querer imitá-los.

De acordo com Piaget 1986, é nessa faixa etária que ocorre o aparecimento do pensamento egocêntrico e do jogo simbólico, a exemplo dos jogos de boneca, os aspectos comunicativos da linguagem os quais acontecem em todos os momentos e situações de vida de uma criança pequena. Antes de entrar na creche a criança já está envolta de sistemas de linguagem em casa, essa linguagem pode ser verbal ou não-verbal. As crianças controlam o desenvolvimento da linguagem oral orientadas por todos os que a cercam, principalmente brincando uns com os outros “as situações lúdicas proporcionam um contexto muito apropriado para o desenvolvimento da linguagem especialmente nos domínios cognitivo e afetivo” [...] (MOYLES 2002, p. 51).

Com base nesse conhecimento, registramos um momento em que as crianças estavam com livrinhos de historinhas, e foi de grande relevância, pois, constatamos que elas ao entrarem em contato com a leitura “viajavam” com as ilustrações. Como não dominavam a leitura, fizeram a construção de histórias imaginárias, indo da fantasia a realidade. Para tanto registramos: “era uma vez três irmãozinhos eu, João e Pedro e ai veio um ‘home do mau’ e ai

roubou ‘lá em casa’ (...)”, comentou a criança do Maternal II ao descrever a essência do livro dos três porquinhos e reportando-se a experiência vivida por ele quando sua casa foi assaltada.

Neste momento, indagamos a narrativa da criança instigando-a ampliar seu vocabulário e significado a seu relato articulado a historinha infantil.

Sabe-se que o domínio da língua oral é fundamental para a participação social efetiva, uma vez que, é por meio da linguagem, seja ela verbal ou gestual, que o indivíduo se comunica, tem acessos às informações universais constroem visões de mundo, produz conhecimento. De acordo com o (BRASIL *apud* FARIA e CAVALCANTE 2009, p. 99), o trabalho com a linguagem oral envolve:

Uso da linguagem oral para conversar, brincar, comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões, idéias, preferências e sentimentos e relatar suas vivências nas diversas situações de interação presentes no cotidiano. Elaboração de perguntas e respostas de acordo com diversos contextos de que ele participa. Participação em situações que envolvam a necessidade de explicar e argumentar suas idéias e pontos de vista. Relato de experiências vividas e narração de fatos em seqüência temporal e causal. Reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos com ou sem ajuda do professor. Conhecimento e reprodução oral de jogos verbais como: trava-línguas, parlendas, adivinhas, quadrinhas, poemas e canções.

Como podemos perceber, a linguagem oral é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Mas para que haja um aprendizado eficaz, a linguagem precisa ser significativa, contextualizada, em um sentido social mais amplo, exposto para a criança de acordo com a sua experiência cotidiana.

Observamos através da tabela, que as crianças utilizavam-se de dois tipos de linguagem, tanto a verbal quanto a gestual. Presenciamos a construção de um bolo e a compra de jujubas, as quais nos foram oferecidas. A linguagem gestual foi percebida quando uma criança imitou uma celebridade de renome, o cantor Michael Jackson. Nesse contexto:

As crianças pequenas aprendem a linguagem: às vezes mais de uma linguagem. Elas também aprendem por meio da linguagem. Mas elas também raciocinam e se comunicam com a linguagem. Nos primeiros anos, isso acontece mais no contexto do brincar. A linguagem está intrínseca ligada aos processos ligada aos processos de pensamento e ao desenvolvimento de imagens mentais (MOYLES 2002 p. 53).

De acordo, com a autora supracitada, em lugar nenhum isso ocorre mais do que nos processos de brincar, pois é nas brincadeiras que elas utilizam à linguagem a maior parte do tempo, conversando consigo mesmo e com os seus brinquedos. Ler histórias pode ser uma forma de brincar com as palavras e as figuras, além de proporcionar-lhes uma vasta imaginação.

Seja como for, o brincar é uma concretização de estímulo e desenvolvimento da linguagem ou inovação da mesma, principalmente no que diz respeito a novos conceitos e palavras. Ao criar palavras que expressam sentimentos, as crianças ampliam sua construção imaginativa da cena total, da qual elas fazem parte, até os limites de sua linguagem e entendimento (MEEK 1985, p.46 apud MOYLES 2002, p. 52). E o professor deve valorizar e estimular a comunicação das crianças no contexto da sala de aula, explorando suas idéias e pensamentos. Brincar com a linguagem auxilia as crianças entenderem o que tem sentido e o que não tem por isso valorizar e usar a linguagem através do brincar, torna-se uma meio de comunicação e de construção do conhecimento.

3.3- Do que brincam e como brincam

Na infância, o jogo e a brincadeira aparecem de maneira privilegiada e sua importância tem sido cada vez mais enfatizada como mediadora das aprendizagens. Na creche pesquisada, as crianças brincam de diversos brinquedos quebrados, faz-de-conta parquinho, subindo, descendo, correndo, pulando, brinquedos reciclados e doados, areia, pedrinhas. De acordo com Crepaldi (2006, p. 177):

Para a criança qualquer objeto ou material pode virar brinquedo. Até algum tempo atrás, uma lata e alguns gravetos juntos transformavam-se em tratores poderosos para construir estradas para tocos de madeira transformados de automóveis. Um sabugo de milho virava boneca, loura ou morena, conforme a cor da palha que ainda estava por dentro. E as comidinhas... pedras coloridas, folhinhas e flores serviam o banquete para as festas de aniversário e quando algum adulto sensível participava, as guloseimas eram o que havia de melhor para os batizados da boneca.

Como podemos perceber, há muitas vantagens decorrentes do brincar. O brincar ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmo e nos outros, leva tanto as crianças quanto os adultos a compreenderem os outros, em outras palavras, o brincar desenvolve habilidades tanto físicas quanto mentais, além de explorar os próprios potenciais e limitações de cada criança envolvida. A criança que tem a oportunidade de participar e diversos jogos e brincadeiras aprende a trabalhar em grupo, a respeitar as regras sociais. Segundo Redin (2000, p. 59-60): A atividade lúdica inclui cinco elementos que são importantes:

- Tempo e espaço: As características do brincar de cada grupo infantil serão definidas em função do tempo e do espaço existentes para a brincadeira acontecer;
- Os jogadores: interações: com quem brinca. Aí acontecem trocas e a realização de diversos papéis e a cooperação, socialização e as regras...;
- Os objetos ou brinquedos: desde simples elementos da natureza até brinquedos sofisticados. Os objetos têm um impacto próprio: são meios para brincar e veículos de desenvolvimento;
- As ações do que brinca: físicas, mentais, afetivas, violentas, de cooperação, de competição. Inicialmente, na criança as ações são prioritariamente físicas (movimento) e vão se tornando cada vez mais complexas em termos de habilidades cognitivas, emocionais e sociais [...]
- A relação do brincar com objetivos-fins específicos (resultados) ou com a ação em si (prazer e inutilidade): estes elementos passaram por grandes alterações nos tempos modernos: a redução violenta do espaço físico e do tempo de brincar, o incremento da indústria do brinquedo – até os brinquedos eletrônicos onde as interações sociais e a liberdade de agir ficam determinadas pelo próprio brinquedo e sua lógica, a ilusão da propaganda que promete o prazer com os brinquedos mais imbecis.

No brinquedo faz-de-conta, mas do que repetir um modelo, a criança exercita um papel de adulto. A criança age como no mundo imaginário, transforma objetos que, a nosso ver, não tem nada a ver com o que elas levam em mãos. Nessa perspectiva, Dorneles (2001, p. 105) diz que: é através do faz-de-conta que a criança tem a possibilidade de experimentar diferentes papéis sociais que conhece e vivencia no cotidiano de suas histórias de vida.

Segundo Kishimoto (2005 p.47-48), “o pensamento (metafórico por sua própria constituição) é formado por uma rede de relações simbólicas apropriadas culturalmente, mas elaboradas, recriadas pelo sujeito a partir de condições internas próprias”. O que se observou nas crianças, é que elas já possuem uma imaginação criadora, corroborando com a autora acima citada, “a imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente que não está na consciência das crianças muito pequenas e está ausente nos animais” (2005 p.51).

A brincadeira simbólica está visivelmente presente na creche, visto que essa representação é a primeira possibilidade do pensamento, a criança sente a necessidade da imaginação, da criação de personagens e ainda interagir com esse imaginário, conversando com objetos improvisados, ”linguagem e jogo simbólico são expressões de um sistema mediado, no qual eventos internos, imagens ou palavras servem para orientar e dirigir o comportamento” (KISHIMOTO p.64).

Refletindo, as crianças sempre estarão dispostas a brincar, se for garantido a elas o espaço adequado, caberá aos educadores ter esse olhar teórico-metodológico, refletindo o brincar no cotidiano da creche, e proporcionando às crianças ações e vivências onde o brincar seja incorporado como eixo principal às práticas educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, muitos educadores, psicólogos, pais e outros, preocupam-se com o processo de interação da criança em grupo, no seu desenvolvimento. Porém, os meios que favorecem esse acontecimento mudaram do lúdico para o supertecnológico. Algumas crianças passam grande parte do tempo jogando no computador, no videogame. Ao invés da criança brincar com o brinquedo, é o brinquedo que brinca com a criança, isso porque ela só assiste o movimento do carrinho, a gargalhada da boneca, os bips eletrônicos numa posição tediosa e estressante.

Brincar é coisa séria, pois, através da brincadeira a criança atribui sentido ao seu mundo, apropriando-se de conhecimentos que a ajudarão a agir sobre o meio em que ela se encontra. Assim, esta mesma criança vai reproduzir, em suas brincadeiras, situações em que vivenciou em seu meio, seja familiar, escolar, entre outros.

O brincar serve como linguagem para a criança, de forma simbólica proporcionando- a vivenciar novas experiências, na qual a criança interage, inventa, descobre, manda, obedece, experimenta e ainda desenvolve a criatividade, a auto-estima, a curiosidade, atenção, a concentração e outros benefícios, a exemplo do respeito às regras, aprendendo a ganhar e perder. Além disso, o brincar também convencionam um desenvolvimento físico e lógico através de brinquedos como jogos pedagógicos. Brincar é um momento de auto expressão e auto realização.

Cabe ao educador não só acompanhar as atividades, como promover oportunidades para que as crianças se desenvolvam nos espaços organizados por ele e nos objetos e materiais que o mesmo disponibiliza para a criança, a fim de enriquecer ainda mais a brincadeira. O educador torna-se parceiro nas brincadeiras.

Portanto, o brincar é essencial às crianças, além de construir auxílio na boa forma infantil e nas esferas: emocional, intelectual, social e física. Esquecer-se de brincar, é também se esquecer de viver, e ao oferecermos às crianças a possibilidade de brincar, é oferecermos muito mais que o ato em si, visível aos olhos, é estendermos uma perspectiva melhor, um desenvolvimento mais natural e eficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa**. São Paulo, 2008.

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. Brasília, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. KISHIMOTO, Tizuko Morchida (orgs.) **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CERISARA, Ana Beatriz. **De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver**. KISHIMOTO, Tizuko Morchida (orgs.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CREPALDI, Roselene. **Brincar de construir brinquedos**. ANGOTTI, Maristela (orgs.). **Educação Infantil: para quê, para quem e por quê?** Campinas, SP. Ed: Alínea, 2006.

DORNELLES, Leni Vieira. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca**. CRAIDY, Carmém Maria & KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FORTUNA, Tânia Ramos. Revista **PÁTIO-EDUCAÇÃO INFANTIL**. Ano IX n° 27 ABR/JUN 2011, p.9.

História da Pedagogia. **Lev Vigotski**: o legado de um pesquisador que revolucionou o estudo do desenvolvimento humano. Revista Educação: agosto de 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

MINAYO, Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, Ed. 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. SP, Cortez ,2002.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, S/A.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca. Porto Alegre: Mediação, 1998.

RICHTER, Sandra, FRONCKOWIAK, Ângela. Revista **PÁTIO-EDUCAÇÃO INFANTIL**. Ano IX nº 27 ABR/JUN 2011, p.39.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamentos: Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político- Pedagógico** - elementos metodológicos para elaboração e realização. 10 ed. - São Paulo: Libertad, 2002. -(Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.1).

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil.** Dos Jesuítas aos anos de 1980. São Paulo: Plano, 2004.